



MORRO DE LUZ: UMA EXPERIÊNCIA CORPOGRÁFICA ENQUANTO MICRO-RESISTÊNCIA COLETIVA

AZEVEDO, Maria Thereza de Oliveira

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea
maritheaz@gmail.com*

MÜTZENBERG, Raquel

*Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea
raquelmutzenberg@gmail.com*

291

RESUMO

O *Coletivo À Deriva* realizou em maio de 2014 a experiência poético-urbana “*Morro de Luz*”, para promover uma vivência extraordinária no Parque do Morro da Luz, em Cuiabá. Envolvido por um ar de medo e desconfiança generalizados, o Parque Antonio Pires de Campos, ou simplesmente Morro da Luz, é um parque arborizado situado na avenida que serviu de palco para o nascimento da cidade. Apesar da localização, o Morro tornou-se o desamparo materializado. Para este estudo, vamos utilizar as noções de experiência de Victor Turner e de Dewey, e também o conceito de micropolítica de Felix Guattari para compreender uma intervenção artística coletiva enquanto um processo de micro-resistência, tudo isso sob a ótica do conceito de corpografias urbanas proposto por Britto e Jacques.

Palavras-chave: Intervenção urbana, micro-resistência, corpografia urbana.

ABSTRACT

The collective of people *Coletivo À Deriva* performed in May 2014 the poetic-urban experience "Morro de Luz" to promote an extraordinary experience at Park Morro da Luz, in Cuiabá. Surrounded by an air of widespread fear and distrust, the Park Antonio Pires de Campos, or just Morro da Luz, is a wooded park situated at the avenue where the city was born. Despite the location, the hill became the helplessness itself. In this study, we use the notions of experience from Dewey and Victor Turner, and also the concept of micropolitics from Felix Guattari to understand an artistic collective intervention as a process of micro-resistance, all from the perspective of the concept of urban bodygraphy proposed by Britto and Jacques.

Key-words: Urban intervention, micro-resistance, urban bodygraphy

Envolvido por um ar de medo e desconfiança generalizados, o Parque Antonio Pires de Campos, ou simplesmente Morro da Luz, é um parque arborizado no coração de Cuiabá, situado na avenida Prainha – via arterial que serviu de palco para o nascimento da cidade. Passou a ser conhecido como Morro da Luz em 1928, quando foi instalada a primeira estação de distribuição de energia elétrica em Cuiabá. Hoje, a cidade quase o engole, o envolve em concreto em todos



os seus limites. No entanto, mesmo localizado no altar da cidade, o Morro da Luz tornou-se o desamparo materializado. Apesar do nome, após o pôr-do-sol a escuridão assola e abriga o crime. Constatada a situação, o *Coletivo À Deriva* realizou em maio de 2014 uma intervenção urbana para promover uma experiência extraordinária naquele lugar. Neste texto é discutida a experiência poético-urbana “*Morro de Luz*”, realizada pelos integrantes do coletivo e convidados no Parque do Morro da Luz, em Cuiabá.

Para este estudo, vamos utilizar as noções de experiência de Victor Turner e de Dewey, e também o conceito de micropolítica de Felix Guattari para compreender uma intervenção artística coletiva enquanto um processo de micro resistência, tudo isso sob a ótica do conceito de corpografias urbanas proposto por Britto e Jacques.

UM COLETIVO À DERIVA EM CUIABÁ

O *Coletivo À Deriva* atua em Cuiabá desde 2009 com as questões relacionadas às estéticas urbanas emergentes: poéticas urbanas ou intervenções urbanas, performances e outros, e tem uma grande conexão com a arte e culturas contemporâneas. Essas experiências, explica a professora provocadora do coletivo, Maria Thereza Azevedo (a Marithê), “geram um trabalho de campo propício para estudos relacionados às micropolíticas, às novas sociabilidades, ao “estar junto”, à “partilha do sensível”, à projeção de mundos possíveis.” Henrique Mazetti (2008) lembra que no Brasil, a utilização da criatividade e da imaginação como forma de resistência tem se exemplificado nos inúmeros coletivos ativistas e artísticos surgidos nas principais capitais do país, desde o início da década de 2000.

“Morro de Luz” é uma intervenção poética pensada e realizada enquanto uma micropolítica de resistência à situação em que se encontra o Parque Antonio Pires de Campos. Após intensas discussões em sala de aula para definição da próxima ação do *Coletivo À Deriva*, a professora optou por uma dinâmica de provocação aos integrantes. Em uma experiência coletiva, cada um teve a oportunidade de se expressar como quisesse e sobre o que quisesse, as afetações coletivas e individuais tiveram ali um momento de desabafo quase terapêutico para a criação da futura ação do coletivo. A partir de palavras pescadas de cada discurso expresso neste momento, a professora Marithê sintetizou numa espécie de raciocínio rizomático e coletivo para encontrar um lugar na cidade que seria a materialização daqueles sentimentos



quase unânimes: desamparo e angústias relativas ao sol e luminosidade. No coletivo tínhamos, então, nosso espaço definido: o abandonado Morro da Luz. Já que comunicação e criatividade adquirem importância fundamental para a construção de um posicionamento crítico (MAZETTI, 2008), para a ação foi sugerido utilizar a nomenclatura Morro “de” Luz, ao invés do nome original, como uma alusão à ausência de vida no lugar devido à falta de iluminação e as consequências que deixar de olhar para um espaço público podem causar.

EXPERIÊNCIA E REVERBERAÇÕES

O conceito de experiência em geral, está intimamente relacionado ao conjunto dos sentidos humanos e sua interação com a cognição de um agente. Para Dewey, este conceito vai um pouco mais além, colaborando com a instauração ou manutenção de hábitos. Experiência, nesta perspectiva, passa a ter relevância nas atividades de um agente no plano da ação cotidiana. No campo artístico, o autor compreende a experiência artística como um fenômeno expressivo inegavelmente vinculado e influenciado pelo meio natural ao afirmar que o ser age e se organiza conscientemente em função das ininterruptas tensões, conflitos ou questionamentos em virtude do meio, buscando soluções vitais diversas, na busca de sua permanência enquanto ser: “A relação oportuna produz a experiência em virtude da qual se cria uma obra de arte” (DEWEY, 2008, p. 181).

Partindo deste conceito, constatamos a situação cotidiana do Morro da Luz: um lugar abandonado, desabitado ou frequentado apenas por marginais, um ambiente desligado de sua função social primária – que é oferecer um espaço público de lazer. A percepção¹ do Morro da Luz enquanto um aparelho disfuncional e errado em sua realidade é comum a todos os integrantes do *Coletivo à Deriva*, tanto pela sua localização como pelas suas latentes possibilidades de lazer aos habitantes da cidade.

Busco nos estudos sobre Victor Turner um aprofundamento dessa noção de experiência. O pesquisador John Dawsey destaca a seguinte frase para descrever a antropologia da

¹ Enquanto percepção, consideramos a noção trazida por Amaral: “Cada um de nós ordena e nomeia aquilo que vê, que escuta e que toca através de um sistema próprio de significados. A percepção é um exercício de confronto entre diferentes sistemas e sentidos. Estas tensões produzem a necessidade da criação de um campo poético, no qual a visão de mundo particular de cada um pode se tornar questionável” (AMARAL, 2007 p. 1430).



experiência elaborada por Turner: “toda performance é ‘comportamento restaurado’, que o fogo do significado irrompe da fricção entre as madeiras duras e suaves do passado (...) e presente da experiência social e individual” (Turner, 1985 *apud* Dawsey, 2014, p. 14). Presente e passado influenciam nas experiências e nas possibilidades de experiências. Turner descreve cinco momentos que constituem a estrutura processual de cada experiência vivida: 1) algo acontece ao nível da percepção; 2) imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas; 3) emoções associadas aos eventos do passado são revividas; 4) o passado articula-se ao presente numa relação “musical”, tornando possível a descoberta e construção de significado; e 5) a experiência se completa através de uma forma de “expressão” (Turner, 1985 *apud* Dawsey, 2013, p. 164).

No caso do Morro da Luz, a experiência majoritária é enquanto um local de rotina para grande parte da população que utiliza o sistema de transporte público pois há um importante ponto de ônibus nas margens do parque do Morro da Luz. No entanto, ali também é um lugar onde muitas pessoas já foram assaltadas – boa parte das vezes com uso de violência – ou tem conhecidos que já foram vítimas. As experiências de um passado muito recente resultam em uma percepção do ambiente como um lugar que deve ser evitado frequentar para não se expor a tais riscos. Perceber esta afetação é um primeiro passo para que algo aconteça – não é necessariamente uma revolução, mas algo que desestabiliza a inércia cotidiana.

Quando Turner sugere que uma experiência se completa ou se realiza por meio de uma performance, ou forma de expressão, identificamos uma latência no Morro da Luz. Durante as conversas com os integrantes do coletivo *À Deriva*, descobrimos que quase ninguém já havia subido morro adentro, ou sequer experimentado o que é estar no Parque do Morro da Luz, mesmo aqueles que moram em Cuiabá há anos. Foi decidido então que o grupo realizaria uma visita coletiva para viver uma primeira experiência.



Figura 1 Ponto de ônibus aos pés do Morro da Luz

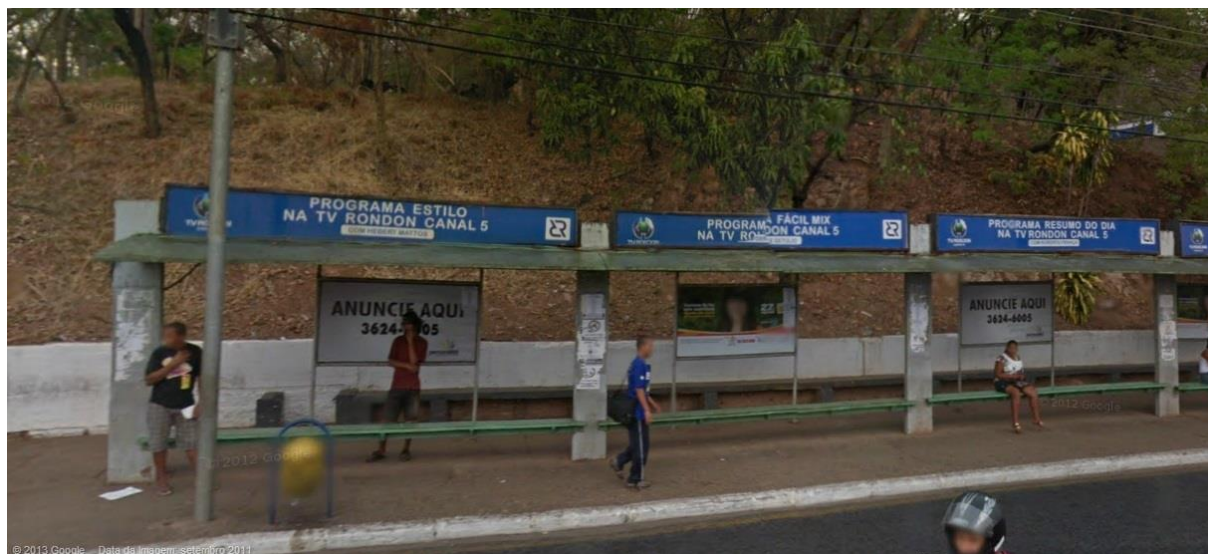


Foto: Google Street View

Entretanto, o processo de preparo da intervenção enfrentou resistência inicialmente devido à estigmatização do lugar onde seria realizada. Os próprios integrantes do coletivo ao relatar as situações perigosas que já passaram ou ouviram dizer que aconteceram no Morro da Luz, desestabeleciam a coletividade e consequentemente a coragem para adentrar o parque. Pouco a pouco aconteceu um processo micro político, no qual os mais corajosos e experientes com intervenções ou ações artísticas, já afetados pela possibilidade de redescobrir o espaço em questão, passaram a afetar os integrantes mais relutantes utilizando diálogos e até mesmo propondo ações que justificavam a adoção do Morro da Luz para a poética urbana.

A micropolítica, antes de tudo, repousa sobre uma concepção singular do corpo e do desejo. Um corpo não se restringe a um organismo. (...) Isto é, por um lado, o corpo apreendido na sua capacidade de afetar e ser afetado, na sua dupla dimensão de atração e repulsão. Por outro lado, trata-se de um corpo entendido como uma relação entre forças ativas e reativas. Qualquer relação de forças é o que define um corpo: químico, biológico, social, político (MEJÍA, 2012, p. 3).

Realizou-se, então, uma visita coletiva ao Morro da Luz para observar o espaço e como ele é habitado. Foram flagrados vestígios nas trilhas e praças do parque, revelando os problemas que a cidade esconde por não ter melhor solução. Peças de roupas íntimas, roupas de frio, garrafas de bebidas alcoólicas, marmitas velhas, restos de embalagens de alimento, vestígios de instrumentos para consumo de drogas, bitucas de cigarro misturados a muitas folhas secas e lixo desenhavam o espaço vivido por usuários de droga, traficantes e moradores de rua. Ou seja,



a marginalidade cuiabana ocupa uma cobertura duplex no centro da cidade. Realidade que destoa de alguns relatos dos próprios integrantes do Coletivo à Deriva que já viveram um tempo, cerca de duas décadas atrás, em que aquele era um espaço agradável e tranquilo, utilizado como ponto de encontro para namorados. O medo do Morro da Luz, portanto, não é apenas uma sensação coletiva fruto de boatos. Está inclusive legitimado no site oficial da Câmara Municipal de Cuiabá em texto sobre o parque: “Desaconselhável caminhadas pelo local, pois é área de risco, sem policiamento” (CUIABÁ, s.d.).

Todas estas características afetam os habitantes da cidade em um nível físico, corpóreo. Esperar um ônibus no ponto do Morro da Luz gera uma tensão interna e uma atenção física diferente de estar nos demais pontos de ônibus de Cuiabá. Frequentar por necessidade o local onde amigos já foram assaltados, gera internamente uma pressa de estar longe dali e uma resistência àquele espaço. Sem a devida atenção do poder público, o espaço deixou de existir no imaginário dos habitantes enquanto um parque arborizado e um possível local de lazer. O parque Morro da Luz deixou de ser vivenciado pelos habitantes, não existem ali histórias de vida acontecendo além de fatos relacionados às suas moléstias. Estar no Morro da Luz tornou-se sinônimo de correr um risco. O parque perdeu a vida pois não é mais praticado enquanto parque, mas enquanto um local esquecido.

O esquecimento de um parque arborizado no centro da cidade por parte do poder público pode ser explicado como uma consequência da espetacularização da cidade. O parque Morro da Luz não foi incluído nos planos da administração pública enquanto um cenário para ser visto nem vivido. Tornou-se inóspito e, com a diminuta participação cidadã - resultante da espetacularização da sociedade, a prática corporal da cidade enquanto prática cotidiana, estética ou artística inexistem. Debord fala sobre a espetacularização das cidades:

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da sua necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta. Eis porque o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte (DEBORD, 1992, p. 26).

Ainda para Debord, “o homem alienado daquilo que produz, mesmo criando os detalhes do seu mundo, está separado dele. Quanto mais sua vida se transforma em mercadoria, mais se separa dela” (DEBORD, 1992, p.27). O Morro da Luz, apesar de abranger uma área de três



hectares no centro de Cuiabá, está alienado da cidade. As construções que o rodeiam lhe dão as costas, quem espera no ponto de ônibus está sempre de costas para o parque e quem passa a pé por ali aperta o passo à procura de outras calçadas.

Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques criticam a atual espetacularização das cidades e propõem a necessidade de restituir o caráter político do espaço público por meio da valorização da experiência corporal das cidades. As autoras apresentam a ideia de corpografia como uma possibilidade de micro resistência a esse processo. A corpografia urbana é a interação entre o corpo e a cidade

“mesmo que involuntariamente, através da simples experiência urbana. A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade” (JACQUES; BRITTO, 2008, p. 182).

A corpografia urbana é, portanto, um registro da experiência da cidade inscrita no corpo dos sujeitos que a vivem, definindo os corpos de acordo com a vivência possibilitada pelo espaço urbano. Partindo da hipótese de que vivemos em uma sociedade espetacularizada na qual existe uma redução da ação urbana, ou seja, o empobrecimento da experiência urbana pelo espetáculo leva a uma perda da corporeidade. Os espaços urbanos se tornam simples cenários, sem corpo, espaços desencarnados. O espaço só é vivo quando é vivido.

A micro resistência por meio da corpografia urbana se dá quando um corpo experimenta um espaço urbano não espetacular (JACQUES; BRITTO, 2008). A intervenção realizada no Morro da Luz teve o objetivo de resistir enquanto um “morro de luz”, ou seja, fazer jus ao nome do lugar levando pessoas para experienciar um momento coletivo e iluminar com instrumentos alternativos um lugar que perdeu sua função inicial e passou a exercer uma função marginalizada.

No planejamento da ação poético-urbana, houve também a preocupação com as questões estéticas da ideia proposta: iluminar o Morro da Luz. Dentre as muitas possibilidades, como lasers, lanternas, velas, fogos de artifício, equipamentos de segurança com propriedades luminosas, foram escolhidas as lanternas e lâmpadas portáteis não apenas devido à praticidade e custos, mas também pela atitude que estes objetos inferem a quem os manuseia. A proposta foi retornar à experiência das coisas comuns para descobrir a qualidade estética que tem essa experiência (DEWEY, 2008) sugerindo, no caso, que a descoberta noturna daquele espaço seria realizada por um verdadeiro grupo de exploradores.



ARMEM-SE COM LANTERNAS! ILUMINEM O MORRO DA LUZ

Poucos minutos antes de o sol se pôr completamente, o *Coletivo À Deriva* e convidados, um grupo de aproximadamente 50 pessoas armadas com lanternas e diversos objetos luminosos subiram as escadarias do parque que ficam ao lado do ponto de ônibus.

A resistência inicial era a escuridão, que chegava rapidamente. Dentre as afetações mais diversas, era latente e gritante a ansiedade em conhecer o morro, de sentir como é estar naquele espaço em uma experiência que só tornou-se possível por ser realizada coletivamente, devido principalmente ao medo. E com o espírito de que “unidos somos fortes”, o grupo ali ficou na primeira praça do parque, primeiramente apreciando a atração musical convidada e, logo após, experimentando a “pracialidade” ou o “estado de praça” – momento maior de resistência ao medo. Queiroga explica que as pracialidades são concretudes, existências que se situam no tempo-espaço, participando da construção e das metamorfoses da esfera da vida pública:

Recorremos ao conceito de pracialidade como um estado de praça não a praça como sistema de objetos, configuração, mas como lugar da ação comunicativa, da razão pública, do mundo vivido na acepção habermasiana. (...) Pracialidade, lugaridade são situações da esfera de vida pública a despeito do sistema de objetos ser mais próximo ou mais distante daquilo que a gente tem entendido como espaço público (MACHADO; QUEIROGA, 2003, p. 204).

Durante quase duas horas várias expressões artísticas puderam ser flagradas, como música, poesia, projeção de imagens, modelagem de uma escultura em argila, fotografia, malabares e performances corporais. Sem um modelo espetacular, mas de experiência, as afetações aconteciam e cada um ali se expressava como podia em momentos e locais diversos da praça Zé Bolo Flor, a primeira praça do Parque do Morro da Luz. Na vontade de iluminar um pouco mais, um pequeno grupo acendeu fogos de artifício, enquanto diferentes bugigangas eram utilizadas como arcos para fazer gigantes bolhas de sabão que eram logo iluminadas por várias lanternas para serem fotografadas. A escuridão parecia não conseguir engolir o grupo que vivia aquele espaço.



Figura 2: Adultos e crianças se divertem com as bolhas gigantes de sabão, atividade que colaborou para o rápido estabelecimento do estado de "pracialidade".

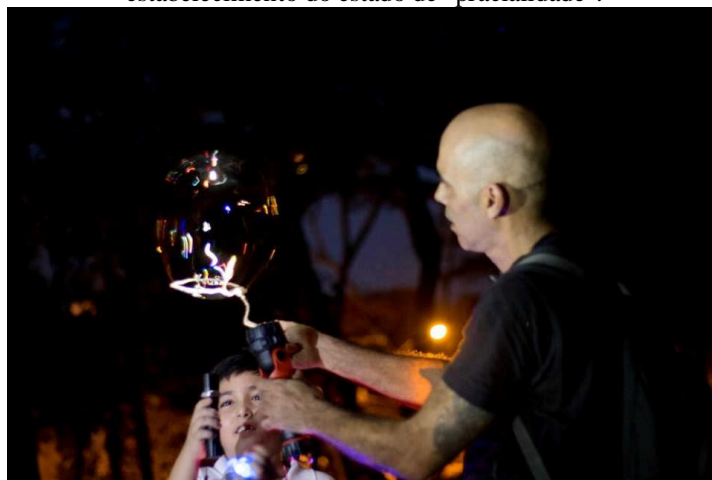


Foto: Frank Busatto

O cenário, no entanto, ainda era o mesmo. O espaço não havia sido limpo e bem no centro da pequena praça havia uma grande porção de lixo amontoado. Na beira do degrau que forma um pequeno elevado, uma espécie de palco, havia uma blusa de frio estendida no chão ao lado de uma garrafa vazia de cachaça, que compuseram o cenário e quase não foram percebidos enquanto elementos alheios: muitos se sentaram por cima da blusa enquanto papeavam ou participavam da roda de violão. Era unânime a pracialidade.

Figura 3: Integrantes do Coletivo À Deriva em pracialidade. Os grupos de conversa, violão, poesia e modelagem se misturam no espaço iluminado por lanternas.



Foto: Raquel Mützenberg

A percepção do Morro da Luz enquanto local inseguro não afetava mais corporalmente as pessoas que ali estavam. Havia um cuidado tomado com o momento em que o grupo deveria deixar o espaço, para não entrarmos noite adentro em um local que é utilizado como “boca de



droga”. Mas os corpos experienciavam o ambiente afetados pela paz que a natureza presente no Morro da Luz trazia enquanto podia-se ver os carros na avenida em frente emanando fúria. Estávamos em uma bolha de tranquilidade no horário mais estressante do dia. Talvez uma das características mais envolventes dessa experiência foi a temperatura: o Morro da Luz abriga um microclima que é aproximadamente 4°C menos quente que as ruas do centro de Cuiabá – considerada uma das capitais mais quentes do Brasil.

Figura 4 Área verde no centro de Cuiabá é o Parque Antônio Pires Campos, ou popularmente conhecido como Morro da Luz.



Foto: René Dioz

No que tange ao objetivo da ação de intervenção poética, pode-se afirmar que o coletivo conseguiu chegar a um momento em que houve um rompimento da percepção do espaço Morro da Luz enquanto ambiente hostil. Sentir na pele o clima mais agradável e se ver praticando a pracialidade trouxe uma noção de responsabilidade quanto à existência daquele ambiente. Estava estabelecido que no momento em que o grupo partisse, o Morro da Luz seria retomado pela “marginalidade”. A efemeridade de tudo o que era praticado ali estava latente durante as aproximadamente duas horas em as 50 pessoas passaram no Morro da Luz, vivendo uma história diferente do cotidiano.

Dar visibilidade ao parque foi o momento clímax da percepção de um lugar que necessita da superação de um hábito para que novas dimensões e sentidos se estabeleçam. Desdobramentos desta primeira ação já aconteceram e outros estão previstos. Um primeiro grande passo já foi dado pelo próprio poder público, após a intervenção: o parque do Morro da



Luz está agora permanentemente iluminado. A prefeitura de Cuiabá realizou uma manutenção no espaço, como poda de árvores e substituição das lâmpadas queimadas e quebradas.

No entanto, “os problemas de organização nunca são simples problemas de infraestrutura” (GUATTARI; ROLNIK, p. 134). Após a intervenção, artistas e amigos do Coletivo à Deriva já propuseram futuras ocupações, como piqueniques e outra sessão de bolhas gigantes. Mas o que parece acontecer de fato naquele espaço é uma espécie de desinteresse por parte da população em geral, alimentado pelo medo que não é desestigmatizado em uma primeira ocupação.

A administração de uma grande segurança molar organizada tem por correlato toda uma microgestão de pequenos medos, toda uma insegurança molecular permanente, a tal ponto que a fórmula dos ministérios do interior poderia ser: uma macropolítica da sociedade para e por uma micropolítica da insegurança (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 86)

Na contramão desta realidade, a pequena força de artistas e simpatizantes da causa que encoraja virtualmente a ocupação do Morro, só ganha consistência se existir no nível da subjetividade dos indivíduos e dos grupos, em todos esses níveis moleculares, novas atitudes, novas sensibilidades, novas práxis que impeçam a volta de velhas estruturas (GUATTARI; ROLNIK, p.134).

O alcance dos espaços construídos vai então bem além de suas estruturas visíveis e funcionais. São essencialmente (...) máquinas de sentido, de sensação (...) portadoras de universos incorporais que não são, todavia, Universais, mas que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma re-singularização liberadora da subjetividade individual e coletiva. (GUATTARI, 1992, p. 158)

O Morro da Luz foi sentido e vivido coletivamente enquanto um Morro “de” Luz em uma primeira experiência. Para conquistar essa territorialidade, entretanto, implica – antes de entrar em contato com a marginalidade ali presente – arrebentar as teias alienantes que seguram até mesmo os incomodados em suas respectivas zonas de conforto, considerando que a marginalização de um espaço como o Parque do Morro da Luz é um vestígio gritante da espetacularização da sociedade cuiabana.

Cuiabá enquanto capital do celeiro do mundo, como é conhecido o estado de Mato Grosso, que é povoada por migrantes de diversas origens que têm um objetivo comum: oportunidades de trabalho. Quente como é, só vive confortavelmente quem tem acesso a veículos de transporte particulares, e a situação se repete em todos os serviços: saúde, educação, moradia, saneamento, energia. Nesse sentido, Cuiabá vive uma desigualdade social que pede



uma ressingularização das finalidades da atividade humana. Olhando pelo viés da cultura, por exemplo, quem tem acesso aos bens materiais não disponibiliza suficientemente de produtos culturais, entretenimento e lazer legítimos da cidade, tal qual a parcela social que não tem acesso aos bens materiais. É uma sociedade que respira o desejo do que vem de fora, já que não há referências de iniciativas locais reconhecidas e legitimadas, mas marginalizadas.

A valorização das atividades humanas não pode mais ser fundada de forma unívoca sobre a quantidade de trabalho incorporado à produção de bens materiais. A produção de subjetividade humana e maquínica é chamada a superar a economia de mercado fundada no lucro, no valor de troca, no sistema dos preços, nos conflitos e lutas de interesses. (GUATARRI, 1992, p. 164)

Enquanto existe uma elite que usufrui das riquezas geradas no estado e que são levadas sempre para fora dele, os espaços públicos têm suas funções distorcidas pela marginalização. Em Guattari encontramos que a cidade produz o destino da humanidade: suas promoções, assim como suas segregações, a formação de suas elites, o futuro da inovação social, da criação em todos os domínios. Estamos falando de desejos individuais e coletivos. Na descrição da ação realizada no Morro da Luz já encontramos diversas situações de resistência ao desvio, ao devir poético urbano, entre pessoas que se dispuseram a dedicar dois anos de suas vidas a uma engorda intelectual. Entre a elite política a situação parece seguir um despenhadeiro abaixo, já que constata-se muito frequentemente um desconhecimento e desinteresse sobre esse aspecto global das problemáticas urbanas como meio de produção da subjetividade coletiva de indivíduos pertencentes a um grupo social, como os moradores de uma cidade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Lilian. CorpoPoético: uma cartografia do lugar. *In: 16º ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES DE ARTES PLÁSTICAS. Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais.* Sandra Makowiecky. (Org.). Florianópolis: ANPAP, UDESC, Clicdata Multimídia, 2007, pág. 1429-1438. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/145.pdf>>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. *Em: Fractal: Revista de Psicologia*, volume 21, nº2, Set. 2009, p.337-349. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/273>>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

CUIABÁ, Câmara Municipal de. Pontos turísticos: Parque Municipal Morro da Luz - Antonio Pires de Campos. *Em: Câmara Municipal de Cuiabá.* Disponível em: <http://www.camaracba.mt.gov.br/index.php?pag=tur_item&id=32>. Acesso em: 24 Nov. 2014.



DAWSEY, John Cowart. Victor Turner e a antropologia da experiência. *Em: Cadernos de campo n° 13*. São Paulo: USP, 2005, pág. 163-176. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/50264/54377>>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

DAWSEY, John Cowart; MÜLLER, Regina Pólo; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. Apresentação. *Revista de Antropologia*, [S.l.], v. 56, n. 2, pág. 11-21, Jun. 2014. ISSN 1678-9857. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/82458/85439>>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. E-book digitalizado por Coletivo Periferia e eBooks Brasil, 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996 (Coleção TRANS). Disponível em: <http://www.ileel2.ufu.br/lep/arquivos/textos_geral/Mil_Platos_3.pdf>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

DEWEY, John. *El Arte como Experiencia*. Tradução (versão em espanhol): Jordi Claramonte. Ediciones Paidós Ibérica: Barcelona, 2008. Disponível em: <<http://archivos.liccom.edu.uy/Figuras/Dewey,%20John%20-%20El%20arte%20como%20experiencia.pdf>>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. *In: IV ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA*. 2008, Salvador. *Arquitextos*. Abilio Guerra. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

MEJÍA, Rafael Estrada. Micropolíticas, cartografias e heterotopias urbanas: derivas teórico-metodológicas sobre a aventura das (nas) cidades contemporâneas. *In: Revista Espaço Acadêmico*, n° 132, Maio 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/16876/9093>>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

MACHADO, Irene; QUEIROGA, Eugenio. Diálogo: Espaço, design, cultura. *In: Galáxia*, n° 6, Out. 2009, pág. 191-209. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/1343/831>>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

MAZETTI, Henrique. Resistências criativas: os coletivos artísticos e ativistas no Brasil. *In: Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*. Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ – Vol 1, n. 1, (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ, n. 25-26 mai-dez 2008, p. 105-120. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/112303120543Lugar%20Comum_25-26_completo.pdf#page=105>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

MORRO da Luz. *Em: PREFEITURA DE CUIABÁ*. Disponível em: <http://www.cuiaba.mt.gov.br/upload/arquivo/morro_da_luz.pdf>. Acesso em: 24 Nov. 2014.